

## OFICINA/ATELIÊ DE BONECAS FEIAS: A ARTE E O LÚDICO PARA UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

CLÁUDIA PARANHOS<sup>1</sup>;  
DENISE BUSSOLETTI<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal de Pelotas  
– [clauparanhos@yahoo.com.br](mailto:clauparanhos@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal de Pelotas  
– [denisebussolletti@gmail.com](mailto:denisebussolletti@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Na qualidade de artista, professora e pesquisadora, atualmente, em minha pesquisa no Doutorado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Pelotas, investigo práticas artísticas e lúdicas enquanto experiências transformadoras.

Durante o Mestrado<sup>1</sup> em Artes Visuais (PPGAV/UFPEL), analisei minha poética, que consiste na produção de bonecos feitos em materiais variados, principalmente tecido, e que problematizam questões sobre padrões do corpo na arte e na contemporaneidade. A esses objetos, dei o nome de *Bonecas Feias*.

Buscando aprofundar a compreensão do tema, elaborei ações artísticas propositivas que tornaram-se potente dispositivo de estudo: as *Oficinas, ou ateliê de Bonecas Feias*. Consistem em vivências com conteúdo teórico e prático para públicos diversos, nas quais proponho aos participantes a criação individual de seus próprios bonecos, com o intuito de criar a possibilidade de criar.

Seguindo a mesma proposta dessas Oficinas/Ateliê, venho construindo em meu trabalho uma escrita brincante e viva (como diz Umberto Eco a respeito das obras de arte), apoiada tanto na escrita de artistas como Hélio Oiticica e Lygia Clark, quanto na poesia de Manoel de Barros, ou nos escritos dos pensadores Jorge Larrosa e Walter Benjamin. Oiticica usava a palavra-conceito *PLAY* (brincar, jogar) para definir seu processo de escrita. Conforme Frederico Coelho, para Oiticica, *PLAY* é relacionado às ideias de fruição e prazer, mas também de jogo e aposta. *PLAY* é, assim, uma escrita do gozo e do risco, dois componentes presentes na sua trajetória artística – e pessoal. A escrita *PLAY* permitiria ao escritor a apropriação transversal de temas e autores, sem compromissos prévios com suas funções originais. Nesse processo de escrita, Heidegger e Mick Jagger podem estar em diálogo direto por meio de suas obras e dos pontos de interesse de Oiticica (COELHO, 2010, p.118). Partindo dessas perspectivas, encontrei afinidade na etnografia surrealista<sup>2</sup>, trabalhada no Grupo Interdisciplinar de Pesquisa: Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade, do qual faço parte, sob orientação da Professora Doutora Denise Bussolletti (PPGE/UFPEL).

<sup>1</sup> Mestrado em Artes Visuais, Arte Contemporânea, linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPel, dissertação intitulada *Bonecas Feias: Brincando para resistir aos padrões culturais do corpo*, concluído em Março de 2018.

<sup>2</sup> Segundo Clifford, um sentido, obviamente expandido, para circunscrever uma estética que valoriza fragmentos, coleções curiosas, inesperadas justaposições – que funciona para provocar a manifestação de realidades extraordinárias com base no domínio do erótico, do exótico e do inconsciente. Composto por adaptações de princípios de origem na etnografia e no movimento surrealista, o surrealismo etnográfico possibilita o acesso às subjetividades, permitindo ao pesquisador uma abordagem diferenciada de tratar de análises, pesquisa de campo, escrita de pesquisa, relacionando elementos textuais e estéticos.

A alegoria<sup>3</sup> da *boneca de pano*, simulacro do humano, com seus tantos remendos em seu frágil corpo recheado de trapo, suas costuras imperfeitas à mostra, confidencia questões do meu processo de criação na arte, na docência e na pesquisa: um trabalho que não se pretende pronto, acabado, perfeito. Tampouco procura esconder imperfeições, erros, ao contrário. Apesar disso, é imprescindível compreender o tanto de afeto contido neste corpo cheio de cicatrizes: marcas resultantes da sua plenitude, da sua presença, inteireza e entrega sem limites à experiência. Do corpo posto inteiro em jogo, disponível como é necessário àquele que cria, seja uma obra de arte, uma aula, ou uma tese. Corpo aprendiz. Aberto. Receptivo. Livre. Ilimitado.

## 2. METODOLOGIA

O estudo acontece a partir da observação e investigação dos processos de criação, de execução e de repercussão das Oficinas/Ateliê e de tudo o que as compreende, material e imaterial, desde as pessoas envolvidas até as obras criadas e os locais de criação e exposição, o ateliê, a pesquisa bibliográfica.

As *Oficinas/Ateliê* foram elaboradas a partir da proposta triangular de Ana Mae Barbosa<sup>4</sup>: conhecer, fruir e produzir. Alternando momentos teóricos e prática de ateliê, os participantes, além de produzirem seus próprios objetos, veem imagens projetadas e/ou em livros, recebem informações acerca da beleza ao longo da história, as bonecas na história e na arte, as próprias *Bonecas Feias* e a experiência de vê-las e manuseá-las.

Em 2019, foi aprovada em edital público a realização da Oficina no Atelier Livre Municipal de Porto Alegre, projetada para oito meses de duração, o que a caracteriza como a mais longa vivência realizada dentro da pesquisa. Ao final dos primeiros quatro meses, foi organizada, com a colaboração dos próprios participantes, a primeira experiência de exposição pública, em um espaço formal de arte, dos trabalhos resultantes das Oficinas de Bonecas Feias, ao que demos o nome de EXPOSIÇÃO BONECOS LIVRES. Os participantes, na condição de expositores, foram convidados a escolher os trabalhos para uma exposição coletiva sem um número limite e sem critérios de seleção dos mesmos. Obras em processo também foram aceitas, assim como projetos de trabalhos. A montagem da Exposição foi realizada coletivamente pelo grupo, promovendo a experiência de perceber o próprio trabalho enquanto objeto a ser visto e apreciado. A forma de apresentação, bem como o suporte e estrutura de cada um foi pautada nas próprias escolhas.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Naturalmente, e de forma imprevisível, os participantes compartilham as suas próprias histórias despertadas ao longo da experiência, oralmente, durante

<sup>3</sup> Etimologicamente, alegoria deriva de *allos*, outro, e *agoreucin*, falar no agora, usar uma linguagem pública. Falar alegoricamente significa, pelo uso de uma linguagem literal, acessível a todos, remeter a outro nível de significação: dizer uma coisa para significar outra (ROUANET. S. Apresentação: 37. In: Benjamin, W. Origem do Drama Barroco Alemão. São Paulo: Brasiliense, 1984.)

<sup>4</sup> A Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa é hoje a principal referência do ensino da arte no Brasil, sendo a base da maioria dos programas em Arte-educação no país. A proposta triangular consiste em três etapas para efetivamente construir conhecimentos em Arte: Contextualização histórica (conhecer a sua contextualização histórica); Fazer artístico (fazer arte); Apreciação artística (saber ler uma obra de arte).

as Oficinas. Também por escrito, muitas vezes com fotos, ou através de bilhetes, mensagens, publicações espontâneas nas redes sociais, por e-mail. Faço-me, então, uma colecionadora de histórias. O *flâneur*, que no francês significa o caminhante, observador, mas também o errante, o vadio. O flâneur observa e comprehende a rica variedade de paisagens da cidade, assim como busco evidenciar essa mesma riqueza na diversidade humana. Benjamin descreve o flâneur como um detetive e investigador da cidade, que conhece o seu fim com a ascensão do capitalismo de consumo (BENJAMIN, 1994).<sup>5</sup> É o retrato do educador/artista que observa e reflete a crise histórica e precisa se reinventar para não sucumbir.

#### 4. CONCLUSÕES

Foi ao longo do processo da pesquisa do Mestrado, já realizando as *Oficinas/Ateliê de Bonecas Feias* enquanto método de investigação, ao mesmo tempo que aprofundava os estudos sobre minha poética, que percebi que as ações haviam se transformado em parte do trabalho enquanto obra, em ação artística, na qual passei a ver-me como propositora<sup>6</sup>, costurando a artista, a educadora e a pesquisadora. “A anti-arte é a compreensão e razão de ser do artista, não mais como um criador para contemplação, mas como um motivador para a criação – a criação como tal se completa pela participação dinâmica do “spectador”, agora considerado “participador” (OITICICA, 2009, p.77).

As Oficinas provocam uma reflexão, não somente no outro, como principalmente em mim, a respeito da ruptura com os modelos formais e com receitas prontas, assim como a compreensão da necessidade do erro como parte do processo de criação, inclusive no que se refere à constante construção de si mesmo. A ação me permite investigar a arte e o lúdico como meio para uma educação transformadora e uma poética de resistência. Esses objetos e ações incentivam um olhar generoso para o que está fora dos padrões e dos rígidos princípios estéticos, uma poética de resistência através da arte, e do lúdico.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas.** Trad. Sergio Paulo Rouanet. 10. reimpr. v. 1: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Rua de mão única, infância berlinense:1900.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- \_\_\_\_\_. **Origem do drama trágico alemão.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- COELHO, Frederico Oliveira. **Livro ou livro-me: os escritos babilônicos de Hélio Oiticica.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- OITICICA, H. A transição da cor do quadro para o espaço e o sentido da construtividade. In: **Escritos de Artistas: anos 60/70.** Orgs. Glória Ferreira e Cecília Co- trim. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

<sup>5</sup> Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo, BENJAMIN, Ed. Brasiliense. 1994

<sup>6</sup> A exemplo de Lygia Clark e Hélio Oiticica, cujas obras não se constituíam de artigos meramente para consumo, mas de objetos para serem vividos, recriados continuamente pelo espectador. Hélio Oiticica prefere considerar-se um “propositor de atividades criadoras” (OITICICA, 1986).

- ROUANET. S. Apresentação: 37. In: Benjamin, W. **Origem do Drama Barroco Alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- PARANHOS, C. **Bonecas Feias: Brincando (para resistir) com padrões do corpo na Arte e na Contemporaneidade**. (Dissertação). 140f. Mestrado em Artes Visuais, Universidade Federal de Pelotas. Centro de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2018.